

## PAISAGENS FESTIVAS DE UM CEARÁ NEGRO.

Francisco Levy Freitas Rafael <sup>1</sup>

**Resumo:** Conhecido como "terra da luz" em alusão ao processo antecipado de abolição das negras e negros escravizados, o estado do Ceará, tem na verdade uma grande lacuna quanto a história e reconhecimento do povo negro como sujeitos socioculturais ativos. Os processos de "higienização" e "modernização" estabelecidos a partir do fim do séc. XIX, as estórias unilaterais escritas pelo Instituto Histórico e Geográfico do Ceará e as influências do médico Nina Rodrigues ganharam força e promoveram o famigerado mito de que "no Ceará não tem negros". O presente trabalho busca discutir como esses processos de negação resultaram em um desconhecimento sobre a cultura negra no estado tendo as festas negras cearenses como paisagens festivas que agem como ferramentas de subversão frente a todo o movimento. Do começo do séc. XIX, em meio as ruas de quase todas as cidades até a contemporaneidade, representada aqui, pelas Comunidades Quilombolas o Ceará é festivo e negro. Experienciando, dialogando e caminhando em meio as paisagens festivas a ideia central é colaborar com a percepção de multiplicidade da cultura cearense compartilhando informação e conhecimento, pontos indispensáveis na luta contra o racismo.

**Palavras-chave:** Cultura cearense, Ceará negro, paisagens culturais, paisagens festivas.

Este trabalho é fragmento de uma pesquisa, ainda em andamento, realizada junto ao PPGGe-UFRN e que tem como ponto norteador a realização de uma discussão acerca das paisagens festivas negras no estado do Ceará. O mesmo vem sendo desenvolvido a partir de um relato de experiência junto aos festejos existentes no estado, primeiro a partir de uma abordagem teórica, sobre as festas que ocorriam em meados do séc. XIX e posteriormente, de forma empírica, através de vivências junto aos festejos existentes nas Comunidades Quilombolas Cearenses.

As discussões realizadas acerca da cultura afro cearense a partir de pesquisas acadêmicas tem despontado nos últimos anos, talvez, pelo fato do próprio movimento de descentralidade europeia como ponto referencial, assim como aponta Mbembe (2016), abrindo a possibilidade para debates e compreensões sobre uma multiplicidade, tão cara a um estado que durante anos negou a existência de sua população negra.

A geógrafa Dorey Massey (2008) aponta a multiplicidade e a pluralidade como pontos importantes para a compreensão do espaço, enxergando esse como uma esfera de possibilidades, onde distintas trajetórias coexistem em processos de construção constante.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia PPGGe/UFRN e aluno de audiovisual da Escola Porto Iracema das Artes.  
levyfreitas@live.com

Como geógrafo, convido ao exercício da compreensão da multiplicidade através das paisagens, mais especificamente, paisagens culturais festivas, buscando enxergar a partir do conhecimento dessas alternativas ao olhar e a compreensão sobre a realidade cultural cearense.

As paisagens festivas negras no Ceará estão muito para o que Anjos (2015) apontou como as "geografias invisíveis", que contrarias a geografias oficiais são negadas, silenciadas e consequentemente desconhecidas. Subverter essa invisibilidade, por mais mínimo que possa ser esse movimento, é um dos objetivos principais desse trabalho.

As festas, como canal, de interligação entre o discurso étnico-racial, cultural e paisagístico são compreendidas aqui como espaços de existência, de reconhecimento, de efervescência e alegria, onde a partir delas são criadas e recriadas identidades negras reconhecidas nos símbolos, nos sons e nos corpos festivos que dão forma a esses eventos. Tanto nas festas passadas quanto nos eventos existentes hoje nos Quilombos é possível notar a importância do ato de festejar.

Oliveira (2006) já havia chamado atenção para a existência de uma geografia das festas do interior do estado do Ceará, assim como, do papel dessas como construtoras de tempos/espaços distintos, muitas vezes desconhecidos, porém, existentes. No caso das festas ligadas a população negra o desconhecimento e até mesmo a negação tomam proporções maiores, visto, a posição ocupada pelo povo negro no processo de construção cultural do Ceará.

O estado conhecido como "terra da luz" devido ao seu precoce processo de "abolição" das negras e negros aqui escravizados, tem em verdade, uma grande lacuna quanto as histórias desses povos que vem através de pesquisas sendo relevadas. Os trabalhos desenvolvidos por Ferreira Sobrinho (2011) e Sousa (2006) trazem muitos dados e informações quanto a presença de inúmeros negros e negras no Ceará, que foram sendo negados ao longo do tempo através da oficialização de histórias unilaterais.

Quanto as festas, os trabalhos realizados por Marques (2008) e Nunes (2014) revelam muito de um Ceará negro festivo, respectivamente o primeiro aborda um estado repleto de festejos negros ligados as Irmandades do Homens Pretos, presentes em quase todas as cidades do estado, inclusive Fortaleza, já a segunda, aborda a existência das congadas e reisados na região do cariri cearense. Ambos contribuem para a compreensão

de paisagens festivas cearenses de norte a sul a partir de outros atores, as negras e os negros.

Quanto as primeiras paisagens festivas, aquelas existentes ainda durante meados do séc. XIX, essas viviam em intenso movimento de reelaboração como parte de processos maiores de reinvenção, muito, por "aceitação", mas também pela própria realidade de mudança na qual se permitiam estar em constante movimento de recriação tanto dos atos festivos quanto dos lugares de ocupação abraçando elementos distintos dentro de uma (re)construção paisagística/cultural.

As festas ligadas as Irmandades dos Homens Pretos, presentes em diversas cidades do estado, são exemplos claros de práticas festivas africanas combinadas com elementos católicos ainda em África, trazidos em diáspora e mais uma vez reelaborados no Ceará de forma única em cada cidade onde as irmandades se fizeram presentes, gerando coroações de reis e rainhas negras.

Essas que se espalharam por quase todo o território nacional junto com os negros em movimento diásporico traziam, já de África, uma bagagem de história quanto a ligação e devoção a Nossa Senhora do Rosário, que aqui, somadas as encenações sobre conflitos militares e consequentemente sobre as coroações da corte negra, geraram além de espaços sociopolíticos, paisagens culturais, a partir das festas em todas as cidades nas quais as mesmas se instalaram.

O trabalho de Marques(2008), aponta a importância das irmandades para a construção de paisagens festivas negras no estado, inclusive em Fortaleza onde seus membros eram responsáveis pela elaboração de uma das festas mais importantes realizadas junto a Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Pretos localizada no Centro da cidade, a coroação dos reis negros. Essa festa levava as ruas da cidade sons, ritmos, danças e cores que atraíam grande e variado público.

Elaborada a partir dos membros da irmandade, as coroações tomavam forma também a partir da ajuda de inúmeras outras pessoas, assim compreende-se a existência de um grande público interessado em ver a celebração e o momento de coroação da corte negra na cidade. Durante a coroação, súditos buscavam os nobres e os traziam até a Igreja do Rosário, onde eram esperados para dar início ao processo de celebração da coroação. De acordo com Marques (2008), durante esse cortejo eram executadas coreografias e simulações de antigos eventos ocorridos em África, como as guerras congoleza.

A festa de coroação dos reis negros foi um espaço de reconhecimento, comunhão e divertimento na cidade de Fortaleza até 1870, quando as mesmas foram extintas já como ação de um regime de invisibilidade que na verdade acabou por gerar outras manifestações dentro de um ciclo de recriação cultural já conhecido pelos negros. O mesmo movimento se deu com os autos de congo, outra manifestação festiva também existente em diversas cidades do estado que foram aos poucos sendo suprimidas.

Com cantos que aclamavam a realeza negra com palavras de origem africana, os autos de congo, realizados em Fortaleza e em outras cidades do interior elaboravam ligações com África misturada a uma brasilidade já existente, envolvendo passado e presente, como dois pontos coexistentes em um processo incessante de reinvenção cultural.

A medida que as festas negras iam sendo reprimidas em Fortaleza um movimento de reverberação de repressão se espalhava pelo estado, visto que, a capital sempre foi um exemplo de modernização para todas as outras cidades, modernização essa, que seguia um modelo europeu e que em nada se parecia com as práticas festivas negras, compreendidas erroneamente e preconceituosamente como próximas de um estado de barbárie.

Outra manifestação cultural festiva negra que concebeu verdadeiras paisagens durante o século XIX foram os sambas. Sendo recorrente tanto em Fortaleza como em outras cidades do interior é importante compreender o samba como uma festividade construtora de paisagens tanto no urbano como no campo e que mesmo sendo, festa de negro, eram frequentadas e realizadas por variados membros da sociedade cearense.

No trabalho do folclorista Carvalho (1967), *Cancioneiros do Norte*, é possível ter por meio de uma descrição do autor uma noção sobre a estética da ambientação do samba, onde em círculo em frente ao alpendre das casas ou em outros espaços destinados a festa os rapazes e as “caboclas” acompanhavam através de movimentos corporais os tocadores e cantadores, que quase sempre eram a mesma pessoa, em balanço envolvidos por outros instrumentos percussivos presentes na roda.

Com o passar dos anos já nos fins do século XIX os sambas, particularmente em Fortaleza, foram sendo somados a novos atributos e tomados por novos atores, em pouco tempo, já eram realizados sambas em clubes fechados com características diferentes dos festejos abertos, as elites incorporaram o samba depois de tempos com outras

denominações que incluíam também maneiras mais “civilizadas” de se dançar os batuques (Marques, 2008)

É importante atentarmos que todas as medidas de repressão e recusa realizadas tanto pelas autoridades da época de diversos poderes como pelo povo sob as festas negras no Ceará foram parte, para além de alguns outros motivos, de uma busca incessante por uma modernização que tomava o Brasil naquele tempo, consequentemente, como uma província que buscou sempre estar a pá da modernidade, o Ceará, não se eximiu da responsabilidade de também trabalhar a negação de identidades e culturas negras desde muito cedo baseado em reprovações e instalações de regimes de invisibilidade sobre esses grupos e suas manifestações culturais

Em seu trabalho sobre uma geografia histórica de Fortaleza, Costa (2017) chama a atenção para as inúmeras mudanças que ocorrem na cidade durante o decorrer das décadas do século XIX, na busca por uma famigerada modernização, espelhada nos moldes europeus. A autora destaca que essas reformas, baseadas sob discursos higienistas, influenciaram diretamente nas formas e políticas urbanas e consequentemente sob os espaços e a sociedade.

Tomando Fortaleza como ícone de progresso a ser seguido, muitos desses ideais higienistas e preconceituosos chegaram as cidades do interior do estado, e assim como na capital, “limparam” a sociedade de tudo que lhe afastava do moderno. Nesse jogo de procura pela modernização tudo que se remetia a práticas tradicionais populares e costumes negros deveria ser apagado. Sousa (2006) afirma que para as “autoridades” e sociedade de um modo geral, o negro ainda estava ligado a imagem da escravidão e consequentemente do atraso, além de representarem sempre uma permanente ameaça a ordem, a segurança e a moralidade pública.

Durante esse período, os Códigos de Postura, documentos que tinham por missão normatizar espaços e pessoas, surgiram no Ceará tanto em Fortaleza quanto em outros municípios do interior, já em 1835, trazendo para além dos parâmetros das edificações e de limpeza pública normas sobre o comportamento dos negros em espaços públicos sujeitos a condenações e correções.

A partir de 1870, no fervor das proibições, as festas negras que aconteciam em diversos pontos do estado foram aos poucos sendo cada vez mais suprimidas e perseguidas. As Irmandades dos Homens Pretos de Fortaleza prejudicada em muito pelo

processo de urbanização da cidade e também pela forte romanização da igreja foi aos poucos se desestruturando e conseqüentemente suas festas, incluindo a coroação dos reis negros.

Os processos de proibição se estenderam também as apresentações dos autos de congo, onde essas, foram sendo expulsas do centro da cidade sentido aos terrenos baldios. O mesmo movimento aconteceu com os sambas, onde, as perseguições e batidas da polícia começaram a ser cada vez mais frequentes. E assim, como quase todos os outros costumes, os imaginários levantados acerca dos sambas como espaços potenciais de conflito firmados em Fortaleza em pouco tempo tomaram as cidades do interior do estado chegando até a zona rural cearense, logo, se combatiam nas mais remotas vilas as reuniões de “desordeiros” agrupados pelos batuques.

As políticas de higienização étnica/cultural no estado não se findaram tão rapidamente. Com o fim do século XIX e o avanço dos ideais republicanos inaugurou-se em Fortaleza em 1887 o Instituto Histórico do Ceará. Segundo Oliveira (2001) a história do estado criada pelos membros desse espaço estava correlacionada a projetos políticos maiores de nacionalidade que buscava inserir o Ceará nesse contexto a partir de suas particularidades.

A partir de então, o Ceará, começou a contar com uma gama de “intelectuais” que rapidamente deram início a um processo de criação do estado, abarcando suas características naturais e socioculturais, porém, através das publicações então realizadas pelos membros do IHGCE bastante influenciadas pelas ideias de Nina Rodrigues, a população negra cearense foi sendo negligenciada e afirmações como a não existência dos mesmos reverberaram como um discurso “oficial”.

Uma mudança significativa quanto a retomada de discussões sobre a população negra cearense começou a surgir somente entre as décadas de 1960 e 1970, onde, a partir das lutas do movimento negro cearense comunidades rurais negras começaram a ser identificadas e reconhecidas em cidades do interior do estado. Até então, essas eram tidas como inexistentes e conseqüentemente toda a carga sociocultural pertencente a esses espaços.

Mesmo tendo seus direitos reconhecidos constitucionalmente a partir de 1988, onde, os arts. 215 e 216 dissertam sobre o reconhecimento sobre as práticas culturais dos negros(as) do campo remanescentes de negros(as) que foram escravizados, cativos, forros

ou livres, as muitas décadas de apagamento reverberam ainda sobre as comunidades negras rurais do estado e consequentemente também sobre todo e qualquer negra(o) no Ceará.

Somente a partir de 2004, com o lançamento do Programa Brasil Quilombola, os processos de regularização fundiária e reconhecimento tiveram um aumento significativo, porém, não por isso facilitados. Hoje, o Ceará conta com mais de 80 Comunidades Quilombolas reconhecidas, onde dessas muitas encontram-se ainda em processos de regularização fundiária.

A expansão dos reconhecimentos dos territórios negros no interior tem contribuído significativamente para o aumento das discussões quanto a presença negra no estado do Ceará e consequentemente sobre a forte existência de uma cultura afro cearense silenciada que teve como resultado durante muito tempo um desconhecimento, fator chave para a existência de atos racistas.

Esse trabalho, tem como um dos objetivos, agir como uma ruptura inicial frente a esse desconhecimento sendo ampliado a partir de um "caderno de vivência" elaborado ao fim da pesquisa junto a três festas distintas em três territórios Quilombolas do estado do Ceará. A proposta é expandir as discussões sobre as paisagens festivas negras cearenses na contemporaneidade para além dos grupos de maracatus, já conhecidos em Fortaleza, adentrando o interior buscando conhecer e reverberar os espaços/tempos/ paisagísticos festivos múltiplos do estado.

As três festas são respectivamente, Festa de São Gonçalo, no Quilombo Sítio Veiga no município de Quixadá, Festa da Mãe Aparecida dos Crioulos, do Quilombo Lagoa dos Crioulos, na cidade de Salitre, na região do Cariri Cearense e Novena de Nossa Senhora de Nazaré, no Quilombo Nazaré na cidade de Itapipoca. As três estão localizadas em pontos distintos, enquadrando as regiões norte, centro e sul do Ceará salientando a presença e existência desses territórios e consequentemente de suas paisagens festivas ao longo de todo o estado.

A Festa de São Gonçalo, que acontece no Quilombo Sítio Veiga em Quixadá durante o mês de novembro, sempre na semana do dia 20 em alusão a comemoração da consciência negra. É uma festa que começa pela manhã e segue durante todo o dia, acompanhada da cantoria das 12 damas que compõem o grupo juntamente aos 2 tocadores



de São Gonçalo na tirada das 12 jornadas, que compõem a festa com muita beleza, alegria, fé e diversão.

A novena de Nossa Senhora da Conceição, no Quilombo de Nazaré em Itapipoca ocorre sempre no mês de agosto, sem data fixa e traz durante nove noites um misto de cultura afro-cearense com fragmentos do catolicismo em um movimento de fé sincrética que envolve toda a comunidade. Já a Festa da Mãe Aparecida dos Crioulos, da comunidade Lagoa dos Crioulos, na cidade de Salitre, acontece no dia 13 de maio e usa essa data em alusão a famigerada abolição no Ceará e tem como ponto máximo o reisado protagonizado pelos moradores da comunidade.

Mais do que conclusões, o presente trabalho busca uma abertura as discussões, a compreensão e o conhecimento sobre a multiplicidade cultural cearense, principalmente, sobre a cultura negra, a partir de paisagens festivas múltiplas buscando contribuir tanto para expansão das pesquisas relacionadas ao povo negro como para o acesso informação e conhecimento, pontos indispensáveis na luta contra o racismo.

#### BIBLIOGRAFIA

- ANJOS, R.S.A. **As geografias oficiais e invisíveis do Brasil:** algumas referências. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 19, n. 2, p. 375-391, ago. 2015.
- COSTA, M. C. L. Capítulos de geografia histórica de Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.
- MASSEY, D. B. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Trad.: Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2008.
- MARQUES, J. P. **Festas de negros em Fortaleza:** territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900). Dissertação de mestrado. Fortaleza: UFC, 2008.
- MBEMBE, A. **Crítica de la razón negra.** Ensaio sobre el racismo contemporâneo. Trad. Enrique Schmunkler. Diagonal. Barcelona, 2016.
- NUNES, C. **Os congos de Milagres:** Cultura e resistência negra no cariri cearense. Revista da ABPN. v. 6, n. 13, p. 438-455, mar/jun. 2014.
- OLIVEIRA, A. L. de. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará:** Memória, representação e pensamento social (1887 – 1914). (tese) Doutorado em História Social. São Paulo: PUC, 2001.



OLIVEIRA, C. D. M. de. **A geografia das festas do interior:** mediações culturais entre religiosidade, turismo e educação. In: **Litoral e Sertão, natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. SILVA, J. B. da; DANTAS, E. W. C.; Zanella, M. E. Z.; MEIRELES, A. J. de A.(orgs.). Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

SOBRINHO, J. H. F. **Catirina, minha nega, tão querendo te vende:** escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX (1850-1881). Fortaleza, SECULT/CE, 2011.

SOUSA, A. V. C. de. Da “negrada negada” a negritude fragmentada. O movimento negro e os discursos identitários sobre o negro no Ceará (1982 – 1955). (dissertação) Mestrado em História Social. Fortaleza: UFC, 2006.